



ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI

Unidade Banco de Memória Oral

Transcrição da entrevista com José Ariodante Mattana FG177

BR.RS.AHMJSA.BMO.01.04.023.SIN-TRA

Entrevistado/a: José Ariodante Mattana

Entrevistador/a/es: Sônia Storchi Fries e Susana Storchi Grigoletto

Tema: Projeto Vozes da Terra

Data: 19 de dezembro de 1995

Local: Rádio São Francisco – Caxias do Sul

Síntese:

História de vida, origem de seu segundo nome.

Administração pública: Thomaz Beltrão de Queirós; Miguel Muratore; Celeste Gobbato.

Obras da administração Celeste Gobbato: Hidráulica Municipal; Escola de engenharia (localização); Patronato Agrícola; calçamento de ruas e início do remodelamento da Praça Dante Alighieri.

Remodelamento da Praça Dante Alighieri: engenheiros e colaboradores; localização da catedral; monumentos; rebaixamento de ruas; duração das obras; canteiros (paisagismo); elogio de Raquel de Queirós; chafariz (trabalho em basalto, tingimento da água para a Festa da Uva); calçamento e obtenção das pedras.

Praça da Bandeira (atual Praça Dante Marcucci): elaboração. Remodelamento da Praça de São Marcos. Construção da Praça de Vila Seca.

Segunda Guerra Mundial: troca do nome da Praça Dante Alighieri; retirada da placa que nomeava a Praça de Nova Milano.

Parques: Cinquentenário (compra do terreno, construção, desenvolvimento); Getúlio Vargas (administração Triches); Parque da Imprensa (conclusão, localização, manutenção).

Represas (administração Miguel Muratore): represa Dal Bó (construção da segunda adutora); represa São Pedro (construção, localização, custos, armazenamento de água).

A realização das festas de Santa Teresa e do Divino Espírito Santo na antiga praça Dante Alighieri.

Cinema ao ar livre. Festa da Padroeira (Santa Teresa): jogos, brincadeiras e prêmios.

Footing na Praça Dante Alighieri

Considerações sobre o desenvolvimento de Caxias do Sul e a atuação do poder público.

Planejamento urbano: aproveitamento dos mananciais Arroio das Marrecas e Lajeado Grande para o abastecimento de água. A questão do abastecimento de água em Caxias do Sul

A importância da estrada de ferro, da BR 116 e da Universidade de Caxias do Sul para o desenvolvimento da cidade

Transcrição:

Susana: Seu José, o seu nome completo?

José: Bom, me deram o nome de José Ariodante Mattana. Muita gente estranha esse nome de Ariodante...

José: Ariodante. É que o meu pai teve curso superior e gostava muito da Ópera Ariodante, escrita por Händel. Ah, esse compositor é mais conhecido por ter escrito Aleluia, até hoje tão cantada. Daí veio o meu nome Ariodante, saiu dessa ópera. Bom, eu nasci no mês de janeiro de 1907, portanto eu vou fazer agora oitenta e nove anos, sendo que cinquenta anos trabalhei, e ainda estou na firma Gazola S/A. Mas quase vinte anos de prefeitura e uns anos fora me faz... eu estou trabalhando há mais de setenta anos.

Susana: Na prefeitura o senhor trabalhou... em que época o senhor pegou a Prefeitura?

José: Na Prefeitura, desde janeiro de 1929. Era Prefeito Thomaz Beltrão de Queirós. Não tinha quem se apresentasse para ser eleito e, então, o Governo do Estado indicou Thomaz Beltrão de Queirós, que tinha, não sei se tinha lojas em Porto Alegre, mas afinal indicou, e foi, foi votado, eleito porque era o único candidato. Acontece que ele esteve só na Prefeitura um ano, porque no dia primeiro de outubro, quando estourou a revolução [1930], ele faleceu, deu um enfarto. Ele era muito corpulento, muito... acho que em virtude disso ele teve um colapso cardíaco e faleceu no dia primeiro de outubro. Aí é que assumiu o Miguel Muratore, que tinha sido eleito como vice-intendente, vice-intendente, né, naquele tempo. Aí eles fez os três anos... de prefeitura.

Susana: E o senhor sempre trabalhou na?...

José: Eu continuei trabalhando desde o dia primeiro de janeiro de 1929 até 1945, então vinte e dois...

Sônia: E o senhor tinha que cargo na Prefeitura?

José: Hein?

Sônia: Que cargo o senhor...

José: Sempre na Diretoria de Obras. Eu cheguei a ser diretor de obras muitos anos, nem sei quantos anos, porque chegava um engenheiro, saía, outro vinha de fora não se agradava e, eu sempre ali, ficando ali, no fim eu acabei ficando na direção da Diretoria de Obras.

Sônia: Nessa época, então, do Thomaz Antônio de Queirós...

José: Thomaz Beltrão de Queirós.

Sônia: É, e do Miguel Muratore, que obras importantes foram feitas na cidade?

José: Bom, aí precisa eu me reportar a um tempo anterior até, porque quando cheguei lá na Prefeitura, aquela época a Prefeitura tinha... tinha pouca arrecadação, não chegava a três milhões de cruzeiros. Imagina, em 1929! Mas encontramos já... os trabalhos feitos pelo ex-prefeito Celeste Gobbato. Celeste Gobbato foi indicado, como foi indicado... no ano de 1924, em 1924, pelo Governador do Estado, naquele tempo que era Borges de Medeiros, indicou o Celeste Gobbato, que ele era formado em, em...

Esposa: Agronomia.

Ulysses Geremia: Enologia.

José: Enologia. E precisava um candidato também naquele tempo e, então, achou que um bom candidato pra Caxias, dizia Borges de Medeiros, seria o Gobbato. O Gobbato foi, ah, foi trazido da Itália pra Escola de Agronomia de Porto Alegre. Sabia que aqui no meio de italianos, Gobbato, se sentiria bem. E de fato, ele assumiu, foi eleito em vinte e quatro [19]24, e fez os quatro anos dele, até 1928. Eu, com o conhecimento que eu tive, acho que o maior prefeito de Caxias foi o Celeste Gobbato. E digo o porquê. O Celeste Gobbato construiu, naquele tempo, a hidráulica municipal com tratamento de água, entre os anos de 1924 [19]28. Uma obra, nessa época, era uma grande época! E foi, né, uma grande obra que ainda está lá funcionando até hoje. A sala de tratamento ainda está funcionando, e é daquela época. Os filtros estão funcionando ainda. Mas não foi só isto que Gobbato fez. O Gobbato criou uma escola de engenharia em Caxias, naquela época ele construiu. Hoje está servindo como uma boate. Mas existe ainda este prédio. Uma escola de engenharia e mais, e mais, viu, não foi só isso as obras dele, as grandes obras...

Sônia: Só um pouquinho, seu José. Só para a gente situar, onde é que é esta escola de engenharia? Hoje é uma boate, a população não sabe, só para situar. É a Incitatus?

José: Tem uma Incitatus. É lá perto do Campo do Juventude. Então é essa Incitatus, mas o prédio é o mesmo. Ainda, naquela época, ele criou o Patronato Agrícola. Patronato Agrícola! O prédio ainda existe. Imagina, naquele tempo, em 1925, [19]26! Um homem que veio aqui, veja que, era uma

inteligência, né? Criou um Patronato Agrícola, que hoje é a sede da APAE [Associação Pais e Amigos Excepcionais], ainda existe, é o mesmo prédio onde a APAE está funcionando lá, não como patronato, mas com outra função, né. Pra mim, no meu ponto de vista, o Dr. Celeste Gobbato, foi o maior prefeito que teve Caxias até hoje.

Susana: E a Estação Experimental?

José: O que foi?

Sônia: Ele começou a obra de remodelamento da Praça Dante?

José: Remodelação. Sim. Bom, aí o capítulo é outro. [risos] Também, entre outros projetos que... Ele comprou uma britadeira, que não existia naquele tempo, mandou buscar não sei onde pra britar cascalhos pra macadamizar as ruas, porque era só... era um lodo, quando chovia, toda a cidade. Não havia um palmo de calçada e nem meio fio. Ele deu, já começou a dar uma, um aspecto de cidade com os primeiros meios fios que ele mandou calçar. A Praça, a Praça Dante, ele iniciou o trabalho de remodelação. Mas logo nos primeiros vinte metros apareceu, apareceu pedra e aí a pedra se tornou uma grande, se tornou uma grande pedreira que dali ele levou [risos] treze anos pra chegar na frente da Catedral. São oitenta, quase noventa metros de comprimento por cento e dez de largura. Era uma pedreira só. Veja o trabalho que deu para se construir a atual Praça Dante Alighieri. Era uma pedreira. A Catedral, a igreja naquele tempo, ficou lá em cima. As ruas que a contornava também ficaram altas, porque... hoje é um plano só. A Praça que existia anteriormente era, tinha alguns canteiros e, naquela praça antiga, foram inaugurados os monumentos de Dante Alighieri e o busto de Júlio de Castilhos, que ainda se encontram lá. Mas, com o nivelamento, vamos dizer, da atual Praça, foi preciso retirar esses dois monumentos de fato. Sorte que não houve nenhum contratempo com os bustos. Agora, os... as colunas, né, de sustentação dos bustos, estas sim, estas sofreram, mas foram, foram remendadas e colocadas no mesmo lugar que estavam naquele tempo.

Sônia: Então, as obras da Praça Dante de remodelamento, porque antes tinha, né?...

José: Aí, não terminou o serviço da Praça, não terminou aí. As ruas, que contornavam a praça, ficaram altas, então precisou o rebaixamento daquelas ruas também pra acompanhar. Veja o trabalho que teve a prefeitura! Bom, se levou treze anos pra se fazer isso. E teve, Caxias teve a sorte de, de seus munícipes, vamos dizer, que naquele rebaixamento da rua, calcula todas as soleiras dos prédios, todas ficaram mais altas do que a rua. Isto é lógico, né? Porque a Praça começou na Avenida Júlio [de Castilhos] no nível que atualmente é, mas quando chegou lá na frente da Catedral, já tinha quatro metros de altura. Agora veja os prédios como é que ficaram! Então, precisou também entrar... Mas o bom entendimento dos proprietários, fez com que a prefeitura não

tivesse nenhum, nenhum incômodo com o, com as soleiras, né, com a desapropriação, não digo desapropriação, que fizessem alguma, alguma...

Susana: Indenização?

José: Algum pagamento, vamos dizer, indenização é a palavra certa. Todos compreenderam muito bem isso e não houve nenhum que pedisse indenização pela reforma que se tinha que fazer para elevar as soleiras das suas casas no nível da futura rua.

Susana: E depois que chegou, que a Praça ficou plana, que começou, então, o projeto pra fazer as ruazinhas, os calçamentos, o senhor poderia falar um pouco sobre esse projeto?

José: Bom, é claro que tinha que ter um projeto. Eu vi uma, uma fotografia, onde tinha a antiga praça; tinha uns canteiros, e eu achei que também devia, não toda, mas um cantinho, eu achei que também se devia fazer canteiros, né? Então, fizemos canteiros gramados e com partes não gramadas pra se plantar roseiras. Então, se projetou isto que está lá. E mandamos e, então, trouxemos de Porto Alegre, se não me engano, chamava-se Cheneval, é uma floricultura que tinha, não sei se existe ainda, aí perto da Igreja de São João, em Porto Alegre, Cheneval, Cheneval. Não sei quantas dúzias de rosas nós plantamos naqueles canteiros, fizemos canteiros como está lá hoje. As árvores também vieram de lá, aqueles arbustos *arborium*, plantamos um pinheiro araucária; um outro, um outro europeu, que também está lá. Em resumo, mais ou menos é isso. Agora, tivemos uma grande satisfação, quando a... a escritora e poetiza da Academia Brasileira de Letras.

Esposa: Raquel de Queirós.

José: Como é o nome dela?

Esposa: Raquel de Queirós.

José: Raquel de Queirós. Raquel de Queirós visitou Caxias naquela época, e tivemos a grande satisfação de ouvir da boca dela o seguinte “Conheço muitas praças nesse mundo afora, mas nenhuma com a beleza e o perfume da Praça de vocês”. Pra nós foi o máximo que podia que podia... o máximo de merecimento que podíamos ter tido.

Susana: E, seu Mattana, e sobre as ruazinhas, que sempre elas...

Sônia: Os caminhos da Praça...

José: Ah, bom, aí tem uma particularidade: quando estávamos construindo ainda, apareceu um cidadão, ele vinha a passeio. Eu achei que ele era turista e coisa. Ele estava lá vendo os trabalhos de ajardinamento, então ele se apresentou “Eu sou Gastão Santos – não me esqueço mais o nome dele. Eu sou Gastão Santos, se me permitir, eu vou lhe dar um conselho”, “Olha, por que não? Nós

estamos trabalhando”, “Eu sou de Praças e Jardins de Porto Alegre”. Foi o único auxílio que eu tive, foi desse senhor. Dizia ele “Faça os canteiros como você achar mais conveniente, mas as ruas desses canteiros que tenham saída para a rua principal. Não faça que não tenham saída, porque os outros canteiros vão ser prejudicar imediatamente.” [risos] Porque aquele que chega no fim e não tem saída, ele não volta, ele pega o caminho mais curto e vai atravessar. Esta foi a única, a única, vamos dizer...

Sônia: Sugestão?

José: Sugestão, exato. A única sugestão que eu recebi pra fazer aquela Praça. Agora, tem outra obra muito bonita, importante naquela Praça e que ninguém quase dá valor: é aquele chafariz. Não é o chafariz em si, mas do que ele foi construído. Todo em pedra, em basalto, em basalto que é a pedra da nossa região e em dois planos, sendo um mais baixo e o outro central. O central, na própria pedra foram gravados cachos de uva com folhas de parreira. É todo em alto relevo, em baixo relevo. Tudo contornado a, o do meio, feito por colonos de Caxias, era um italiano e os filhos dele. Ele chama-se João Da Sois, Da Sois e seus dois filhos, foram os escultores daquele trabalho. Quer dizer, todo o mundo passa aí e vê, tal e coisa. Mas, se parar e observar mais de perto, vê o trabalho bonito, feito em pedra. E naquele tempo!

Sônia: Foi o senhor que projetou a Praça Dante?

José: Foi.

Sônia: Foi o senhor que projetou.

José: Agora, tem também uma parte importante, que é a dos passeios. Que os passeios são em pedra portuguesa... A pedra, a começar por aí, não tínhamos, a não ser a pedra nossa, e tivemos dificuldades em encontrar a pedra de cor para dar um pouco de contraste, e não ser tudo basalto, tudo cinza. Naquela época, em 1937, se realizou a primeira grande Festa da Uva. Não a primeira, mas o primeiro congresso, não foi, mas a primeira grande Festa da Uva por Dante Marcucci. E ele trouxe de Porto Alegre um engenheiro austríaco, junto com um projetista. Foi o que projetou, esse desenhista, era o chefe do outro.[risos] O desenhista projetou o pavilhão principal de exposições de [19]37, e trazia o coitado do rapaz confinado no hotel, porque temia que os expositores se prevalessem dele para fazer os *stands*. Então ele vivia confinado. Não sei por que cargas d'água, ele teve simpatia comigo, e me apresentou o tal Grimm, era o nome do desenhista. E ele gostou da Praça e tal, viu a Praça e tal, bonita e... “Vão calçar a Praça?” disse “De momento, não, não se pensa nisso!” Nem se tinha dinheiro pra isso. Disse ele, pegou um pedacinho de papel e disse “Eu posso lhe dar uma ideia?”, “Por que não?”. E foi. Então, ele projetou um cacho de uvas, e uma, uma

folha e disse “Eu acho que ficaria bom fazer isso” Me deu um pedacinho de papel assim. Eu peguei a ideia e como eu tinha uma planta de todas as ruazinhas internas, ah, me foi fácil, né? Foi fácil eu pegar, então, e desenhar na planta todos os cachos de uvas com as folhas que estão lá até hoje. Infelizmente, a Praça nossa está muito mal cuidada. Entram caminhões pra limpeza, pra coisa e já está cheia de poças d’água, né? Tem uma coisa que eu não posso dizer aqui, senão... E, de formas que lá estão... Depois, na época do Dante Marcucci, né, fizemos também obras muito boas. Fizemos o rebaixamento da Avenida Júlio de Castilhos, que tinham altos e baixos em todas as laterais desde a Praça até três quarteirões abaixo pra chegar na Rua Marechal Floriano, ah, é, Marechal Floriano. E aquele desaterro, que nós fizemos aí, serviu para nós fazermos uma praça, e muito boa e grande, que era... que foi chamada de Praça da Bandeira. Tinha um aterro, talvez, devia ter uns quatro metros ou mais de altura. Era um buraco no meio da cidade. [risos] Então, com aquele desaterro, então se fez aquela Praça.

Sônia: Então, só pra ficar esclarecido, a terra que saía da Júlio, era levada pra Praça da Bandeira?

José: Toda, pra fazer o aterro ali. Se fez, então, aquela Praça. Uma Praça muito bonita, ficou também, no mesmo estilo fizemos. Também fiz o projeto, no mesmo estilo da Praça Dante, né. Tomou o nome de Praça da Bandeira, hoje mudaram o nome, hoje é Dante Marcucci, me parece. E ele se apaixonou por praças também, o Dante Marcucci. Então, mandou que eu fosse pra São Marcos pra estudar uma praça também em São Marcos.

Ulysses Geremia: Era Distrito.

José: Era o Segundo Distrito de Caxias. De forma que eu fui... Mas lá a coisa era bem diferente, porque a Catedral, a Catedral, a igreja deles ficava quase vinte metros de altura e lá não tinha como fazer, né? Como fazer, não podia se fazer, né, em São Marcos. Como é que tu vai... e era um buraco. Então, eu projetei em três planos a praça. Me valeu aquilo... E foi construída a praça com seus bancos e seu ajardinamento. Está lá até hoje e, não vejo por que devam fazer outra coisa e nem mexer nela. A partir do princípio que peguei uma rua que atravessava a praça até ligar na outra, até ligar na outra lá em cima. Mas já era, era uma rampa muito suave. Então eu fiz alamedas assim e ficou a praça em três planos. Isto me trouxe grande satisfação, porque quando foi construída a Estrada Federal, onde eu acompanhei a construção de toda ela e, uma visita que eles fizeram, que a estrada passou em São Marcos, um dos engenheiros disse “Mas quem é que foi que construiu essa praça aí?” Disse “Foi a prefeitura; é projeto meu. O projeto é meu” “Olha, meus cumprimentos, não podia fazer coisa melhor do que.. não podia ter melhor solução do que esses três planos que vocês...” pra mim, esse engenheiro, era um construtor de pontes, ele olhou a praça, e o trabalho que eu fiz, pra mim não poderia ter prêmio melhor. Depois daquela praça, ainda fizemos outras.

Fizemos em Vila Seca; Vila Seca não tinha praça. Tinha igreja e ficava na beira da rua. A igreja era de madeira, né? Então ele mandou pra lá, ele disse “Vamos fazer uma praça aí também”. Isso, o Balbinot, que era subprefeito, se encarregava. De fato, se encarregou. Pegamos aquela igreja, passamos para o fundo mais ou menos cinquenta, sessenta metros e fizemos uma pracinha ali também. Está lá até hoje. [risos] Quer dizer, fizemos diversas praças, né? Começamos pela principal, que foi a Dante. Agora, aquela história do nome e tal, aquilo foram os patriotas no tempo da guerra. Arrancaram aquela placa da Praça e botaram ah... como é?

Sônia: Rui Barbosa.

José: Rui Barbosa. Depois, aí acabou a guerra e tal, então substituíram. Tiraram de novo as placas de Rui Barbosa e colocaram, como fizeram assim também, ah, na Praça de Nova Milano, né? A de Nova Milano foi ponto de chegada da colonização italiana. Também lá tinha uma placa com nome, o nome da praça e... arrancaram tudo. Mas essa, eu tive a sorte que, nessa época, eu já não estava na prefeitura, não estava, estava na prefeitura, mas o fato ficou encerrado quando se encontrou a placa. Nesse tempo eu já tinha deixado a firma, ah, a prefeitura, e estava na firma, e apareceu um moleque lá com a placa, vendendo a placa, porque era de bronze, né? Mas disse “Mas isto não vale nada!” Agarrei e dei cem réis, cem contos, cem mil réis lá, o guri sair satisfeito e, eu escondi aquela placa. Agora, há pouco tempo atrás, não, alguns anos atrás, a placa então foi ofertada pela firma à prefeitura, que reinaugurou a placa lá e foi benta pelo Bispo D. José Baréa novamente. E lá ficou o Prefeito... e tem a fotografia [inaudível]. De forma que em praças... [risos], eu trabalhei bastante; trabalhei bastante. Todas estão lá, certo, bem, ou mal conservadas, mas estão lá.

Sônia: Seu José, só duas questões: as pedras vinham de onde?

José: Ah, bem... a pedras da praça! Nós não tínhamos pedra, como não tem até hoje pedra vermelha; não sei se tem aí e a preta. Então, fomos buscar isso lá em Vila Seca, na estrada, no caminho da estrada que ligava Caxias com Vila Seca. Então, observei que tinha pedra ali, que realmente [inaudível]. E um fato curioso: quando estávamos tirando a pedra e tal, apareceu, naquele tempo Vila Seca pertencia à São Francisco de Paula. Apareceu lá o subprefeito e nos proibiu de mexer, que era propriedade do município de São Francisco, e nós não podíamos e tal. Disse: “Muito bem, e nós paramos”. Depois o Prefeito de Caxias, e mais o subprefeito estabeleceram conversações lá e viram que era uma bobagem, e então permitiram tirar. Dali que se vê, que trouxemos as pedras, as primeiras pedras, acho que hoje é encontrada, para pavimentação da Praça Dante Alighieri... da Praça Dante Alighieri. [gravação interrompida]...ele, não sei se ele era de Pelotas, sabia fazer e estava em Caxias, mas trabalhando em paralelepípedo. A história de paralelepípedo é outra história grande. Então, ele assumiu o [inaudível] Mas agora fazer é uma coisa e desenhar lá no chão é outra

bastante diferente! Então, nós tínhamos lá dois mestres de obras, sendo que um chamava-se Spiandorello, tio do atual subprefeito, que era o mestre de obras da Prefeitura. Ah, foi lá com um fio de arame [risos], fizemos uma. Depois que foi feito um, então, fez-se o outro e tal, e acabou-se, ah, fazendo aquele calçamento português em toda a Praça. Foi feito assim, dessa maneira. [risos]

Sônia: No peito, na raça e na vontade de fazer. Seu José, o chafariz da Praça foi inaugurado numa Festa da Uva e jorrava vinho...

José: Jorrou vinho, jorrou.

Sônia: Fala um pouquinho.

José: Hein?

Sônia: Fala um pouquinho sobre isso.

José: Não, é que teve uma lembrança; foi a lembrança do Prefeito e da comissão organizadora, que para inaugurar aquilo poderia ser numa Festa da Uva e com vinho. Seria o ideal. E o Prefeito acatou, acatou a ideia e, então, em vez de água, ele comprou umas bordalesas de vinho, e jorrava vinho mesmo. Isso é verdade, isto aconteceu, acho que até foi naquela ocasião de 1937. [risos] Foi, foi verdade.

Sônia: E, em relação a outros parques da cidade: o Parque Getúlio Vargas, o Parque Cinquentenário, o Parque da Imprensa?

José: Bom, o parque... esses parque sim... O Gobbato, na época dele, ele já quando Caxias fez cinquenta anos, ele comprou uma área do Sperandio, que ficava após da Avenida Rio Branco, que era a estrada antiga que levava a Porto Alegre até Vacaria; ali terminava a cidade. Então, ele comprou uma área ai e mandou ajardinar, porque não foi bem ajardinada, é um parque, né, ele deixou os pinheiros e as árvores nativas, e tal, e deu o nome de Parque Cinquentenário. Daí o nome do Bairro, hoje, hoje um Bairro. Hoje é uma cidade toda, toda até, até... onde tem, onde está instalada a... aquela bateria antiaérea, o Batalhão. Hoje é uma cidade só, mas naquele tempo não. Naquele tempo terminava, a cidade ali. E depois disso compraram uma área, acho que foi ainda o Gobbato, pra se fazer um outro parque. Realmente está lá, cujo nome ainda [inaudível]. Quem concluiu foi o Dante Marcucci, e deu o nome de Parque da Imprensa. Esse parque fica ao norte da cidade, quase fazendo fundos com a Estrada Federal, com a BR 116. É uma área, uma área muito boa e bastante grande. Mas não teve, não teve quase assistência, né? E está lá, o que era, e hoje tem um restaurante lá, tem um CTG [Centro de Tradições Gaúchas], tem coisa. Está um pouco abandonado o Parque.

Susana: E o Parque Getúlio Vargas?

José: Hein?

Susana: E o Parque Getúlio Vargas, o Parque dos Macaquinhos?

José: Dos Macaquinhos. Aquele foi obra do Triches; aquele foi obra do Prefeito [Euclides] Triches. Estava lá, era um lugar abandonado. Não tinha nada e foi ele que fez. Um trabalho grande também, que foi feito na nossa administração, foram as represas. Porque a primeira, a primeira represa era no Dal Bó, no Dal Bó e... já houve falta de água, mas a falta de água não era em virtude da água, era o recalque que não abastecia a cidade. E um cano de três polegadas, de três, quatro polegadas e não era o bastante para abastecer a cidade. Então, o Miguel Muratore, lá com os nossos técnicos da prefeitura [risos], os ferreiros, vamos dizer, tinham ferreiros, acharam que se podia botar um outro cano, né, ao lado daquele. Então, realmente fizeram uma outra, chama-se adutora, né? Fizeram uma segunda adutora, e que aquilo ainda comportou e atendeu diversos anos. Não me lembro bem em que ano foi a construção da São Pedro.

Esposa: Em 1937.

José: Trinta e sete, trinta e um... Bom, foi em 1937, levou bastante anos. Então, acharam que deviam elevar aquela represa porque caberia, então elevou dois metros. Então a cidade ficou por meia dúzia de anos abastecida. Mas acontece que uma seca veio, e como lá naquela região não tem nascentes, a água toda para Caxias, toda a água é pluvial. Choveu, tem água; não choveu, não tem água. [risos] Nós estamos assim, infelizmente. Mas se construiu, então se projetou e se construiu essa Represa São Pedro logo acima daquela, da primeira que se chamava Dal Bó. Bom, fizemos uma represa que até, até onde a altura permitisse, a bacia, seria a bacia de captação. E foi uma obra muito... custou cento e vinte contos naquele tempo, [risos] cento e vinte contos, mas fizemos, acabamos fazendo a represa. Era, era temerário se fazer isto, por causa da falta de água, né, é a água da chuva, né, e teve até, então, um industrialista que era chefe, que era chefe não, que era meu amigo e dizia: “Olha, Mattana, o dia que encher isso ali, eu trago os veleiros de Porto Alegre pra nós fazer uma regata”. Não acreditava. O próprio Dante Marcucci punha, punha dúvidas também. Mas eu tinha certeza que ia encher, que era três vezes, quatro vezes o volume da outra, né? Mas por que eu tinha certeza? É que nós tínhamos um encarregado do recalque da água da primeira represa até a cidade. Ficava um pouco mais baixo do que o recalque, e eu observava sempre que chovia e tal que enchia a represa, e ia embora. Então, me ocorreu “Escuta, e se nós fizéssemos uma aqui em cima, não era bom pegar essa água que vai embora”? Esse era o argumento que eu tinha. Mas tinha um caderninho, eu ia anotando e, quando o Prefeito Dante Marcucci dizia “Mas escuta, qual é a certeza que você tem dessa água e tal?” Dizia “Olha, está aqui, é umas anotações que eu estou

fazendo aqui durante um ano. Olha, o dia tal, e tal, e tal, ta”... As comportas eram automáticas, quando chegava na altura então era, então ela se abria. “Todos esses dias é água que vai fora. Então por que não vamos aproveitar essa água? Veja quantos dias, e quanta água que foi embora”. Era o único argumento que eu tinha pra defender a construção daquela represa, daquele espaço. De fato se construiu e lá está a represa até hoje.

Sônia: O que o senhor sente falando isso, seu José?

José: Hein? O que eu sinto?

Sônia: É.

José: Nada, não sinto nada, de um dever cumprido e pronto. Eu era funcionário público e trabalhava pra... não tenho assim... O que eu sinto nessa altura, eu sinto que, que não só, não só eu trabalhei, entendeu, como aí a minha patroa me ajudava. Porque ela costurava, entendeu, e de dia ela com o filho na barriga, ela rachava lenha pra fazer a comida pra família. Depois, então, costurava; ela me ajudou muito, se não fosse ela, eu acho que não estaria aqui também. E, assim mesmo com todo esse trabalho, mas muito trabalho, nós conseguimos construir uma casa, conseguimos formar os três filhos: um médio, outro assistente social, e outra psicóloga com pós-graduação. Passaram os três pela universidade. Isto que eu sinto de bom, de ter feito. Trabalhei, mas conseguimos isso. Pra mim, na minha vida, completei isso e essa é a minha maior satisfação: tenho os três filhos formados e até um pequeno automóvel compramos. Quer dizer, mas também não havia, tem uma coisa, não havia inflação naquele tempo. Isto ajudou muito. Mas aí, a minha dama foi um braço direito, tanto que o meu filho, que é médico, diz ele: “Às vezes ainda me acordo com o barulho chic, chic, chic... de madrugada, de madrugada a minha mãe... o barulho da máquina”. Naquele tempo era a pedal, não tinha, não se podia comprar motor e botar na máquina de costura, né? Então, ele se acordava com o barulho da máquina de costura, que era a mãe de madrugada trabalhando pra ganhar uns cobrinhos. Me ajudou muito, me ajudou muito. Muito, muito, muito.

Susana: E seu José, e sobre fatos pitorescos que aconteceram na Praça? As festas, os jogos, o que o senhor se recorda dessas passagens?

José: Olha, no meu tempo, eu acho que o Ulysses [Jeremia] também se lembra. Tem uma pergunta aí que é sobre minha infância. Nós não tivemos infância. Nós tivemos colégio e às oito horas da noite, nós íamos dormir e dar graças a Deus. Brinquedo não tinha, por que... brincar onde? Se não tinha um palmo de calçamento, não tinha uma calçada. Então, esses fatos pitorescos, que eu me lembro, são as festas de Santa Tereza, a padroeira de [Caxias]. Antes, antes da... eu me lembro, eu disse que era guri, né, podia ter oito, dez anos, na frente da catedral, que era, era um largo, não era

uma praça. Tinha uns quiosques que vendiam uma bagatela: doces, bebidas, mas aquilo durou pouco. Ali é que se realizavam, então, as tómbolas, o pau-de-sebo [risos], os sorteios, onde os prêmios eram [inaudível], isso era o maior, era através de cartelas, né, faziam sorteios, e o maior brinde naquele tempo era uma garrafa de Vinho do Porto. Ah, aquele que ganhava! [risos] E tinha caixas de garrafas e aquilo revertia em dinheiro a favor da [igreja]. Uma das festas muito comemorada e grande também era a Festa do Espírito Santo; Santa Teresa e Espírito Santo eram as duas maiores festas. Até um cinema naquele tempo eles trouxeram. Mudo, né?

Susana: Cinema era ao ar livre?

José: É, então aquilo era de noite. Depois dos festejos, era meia-noite, nós estávamos quase todos dormindo [risos], então passavam um filme ali. Ali naquela Praça e trazido pela comissão, é claro, organizadora dos festejos. Isso, isso aqui é coisa pitoresca, que eu posso lembrar daquele tempo. É importante, é importante pra nós, imagina só!

Susana: E nos domingos, vocês costumavam passear pela?...

José: Bom, isso sim, isso depois, isso foi no tempo do nosso namoro. Isso foi em 1928, [19]30, por aí, não é? Sempre, depois de concluída a Praça, então, depois da missa das nove horas, que terminava às dez horas, então era um passeio obrigatório pelo calçamento e pela Praça de todos que iam assistir à missa. Foi aí que a madame [esposa] me conheceu. [risos]

Esposa: Era, era o *footing*.

Sônia: Como o senhor sente, a última pergunta, seu José, como o senhor sente a cidade hoje?

José: Bom, a cidade hoje é... Eu tenho um capítulo aí no fundo, que eu digo, ela se desenvolveu astronomicamente, essa que é a verdade. E o poder público, infelizmente, não pode acompanhar o desenvolvimento. Está aí a falta de água. A falta de água, eu tenho que dizer alguma coisa sobre a falta de água. Está aí hoje saneamento, educação, saúde, toda essa... é claro foi tão grande o desenvolvimento que os poderes públicos não puderam acompanhar, pronto, nem na saúde, nem na educação. O hospital, tem um hospital que está sendo construído há dez anos e não são capazes de terminar. Assim mesmo tem cinco hospitais, eles estão fazendo um hospital geral pra abranger toda aquela zona e não tem jeito que terminem. Não só, não só com verbas da prefeitura, mas também do Estado, também o governo federal podia ajudar, afinal nós temos também lá deputados, mas está lá emperrado que não tem jeito de terminar. Agora, falando em água, eu quero me reportar ainda... Eu, eu, há um ano, dois anos atrás mais ou menos, como eu passei pela Prefeitura, eu conheço bem o problema da água. Foram feitas duas represas, são três represas, quatro e, no entanto, são águas, entendeu, pluviais, não são de nascentes. E ali chegou a primeira represa até a estrada federal, e ali a

bacia de captação não comporta mais nada, não pôde fazer mais nada. Mas eu, independente disso, eu acompanhava o prefeito e os amigos dele, aí numa dessas caçadas que eles faziam em cima da Serra, de Ana Rech pra cima, é uma zona de campo, né? Eu acompanhava, né, eu não tinha dinheiro para as armas, né, e eles me convidavam e eu acompanhava eles e conheço bem aquela zona toda. E, dentro das minhas observações, eu tenho escrito isso até, tem dois mananciais que devem, devem obrigatoriamente serem aproveitados: é o Arroio das Marrecas, já na zona de campo, e o do Lajeado Grande. Esses dois arroios, o Lajeado Grande, o último fica à cinquenta e dois quilômetros de Caxias. Mas esta é a salvação da cidade. Por quê? Ele fica numa altura igual a de Caxias. Já vê que o recalque da água não é tão... mesmo que fosse, é a salvação de uma cidade. Mas antes disso, tem aquele das Marrecas, um bom manancial que pode, já está escrito isso, os jornais publicaram. E o interessante é que, sendo uma zona de campo, a água é limpa, a água é pura, a água é limpa. Quer dizer, que com pouco tratamento, ela é uma água puríssima. Então, é fácil de fazer uma grande bacia de captação, porque o terreno, os terrenos não são tão ondulados, não são tão ondulados como a nossa zona aqui. De forma que, com poucos metros de altura, se tem uma captação muito grande aliada ao, às fontes nascentes.

Sônia: Não depende só da chuva?

José: E não depende da chuva. Tem mais um fator muito importante. Tem uma queda no Lajeado Grande, que tem mais de noventa metros de altura, quer dizer, que nós teríamos água de graça, e força de graça pra botar água pra Caxias. Escrevi, lutei, agora estou dizendo novamente isso e devo debater nesse assunto, porque ninguém, ninguém, mas ninguém tomou interesse por isso ainda. Um problema da gravidade desse, ninguém tomou conhecimento. Acontece agora, com a construção da Rota do Sol, houve um agravante muito grande, porque todas essas grandes rodovias, todas elas, a primeira coisa que fazem é fazer loteamento. É ou não é verdade? Agora, veja só! Se começarem a fazer loteamento lá, como é que vai ficar a nossa água? Fica contaminada logo, fica toda contaminada.

Sônia: Além do que podem levar indústrias, né?

José: Indústrias, ou coisa que valha. Fatalmente acontecerá isso. Mas ninguém, ninguém, independente do que eu tenha feito, do que eu tenha escrito e publicado, ninguém dá bola, como se diz na gíria. Ninguém.

Sônia: Parece que eles não pensam a cidade para o futuro. Só imediatamente.

José: Pois é. Mas... imagina Caxias desse jeito! Tem mais de cento... cem mil automóveis que andam pela cidade. Dali da cidade, só da cidade, está de um jeito aquilo que não, aqueles que

chegam às nove horas, tem que procurar um lugar para estacionar o carro, na rua ele não tem pra onde... Está assim dessa maneira. Eu sempre digo que Caxias, no meu ponto de vista, teve três fatores de grande importância pro seu desenvolvimento. A primeira, foi quando chegou a estrada de ferro pra Caxias, foi em 1910. Porque Caxias estava isolada, tinha, o que ela produzia era para se abastecer pra si própria, e o resto tinha que ir a cavalo, em cargueiros pra São Sebastião do Cai, pra botar naqueles naviozinhos pra levar pra Porto Alegre. Esta era a situação de Caxias. Veja, veja o que foi de importante um estrada de ferro chegar em Caxias! Toda aquela zona de Vacaria, de Antônio Prado, de Flores da Cunha, de Farroupilha, que não existia, naquela zona toda, ah, correu pra estrada de ferro, né? Então, claro que tinha que se desenvolver, então plantavam mais, fabricavam mais porque tinha um meio de transporte dentro da cidade. Foi um dos grandes acontecimentos do desenvolvimento. O segundo, eu acho que foi a Estrada Federal, a 116, porque, porque atravessavam o município, agora menos, porque São Marcos se emancipou, oitenta e quatro quilômetros. Ora, uma estrada dessa categoria atravessar um município, calcula só que importância tem! Tanto que eu sei, porque acompanhei desde o princípio. Na zona de São Marcos, que ela passa, um lote rural de quatro hectares, trinta hectares, vendiam por dois mil cruzeiros. Quando passou a Estrada Federal, sabe, subiu pra Cr\$ 40.000,00 os lotes. Veja o desenvolvimento da Estrada Federal, o que proporcionou pra Caxias. Ao longo, se formou um loteamento de fora a fora, nesses oitenta e quatro quilômetros. Quanta gente enriqueceu com isso, com esses planos de loteamento. E o terceiro é um recurso de grande importância, o terceiro ponto é a universidade, é a Universidade de Caxias, está lá com vinte e mil alunos agora, entendeu? Tem cinquenta cursos, parece que tem, um diferente do outro. De forma que toda... atende também toda essa região.

Susana: Ganham...

José: Todos vão para a Universidade de Caxias do Sul, toda a zona aqui: Farroupilha, Bento Gonçalves e tal, tudo, Veranópolis, Vacaria, todos, claro, todos querem que os filhos estudem. Já as condições não são da época da estrada de ferro, não é verdade? As condições são outras, de forma que está lá, milhares de estudantes estão lá. Então, precisa hotel, precisa alimento, precisa condução, precisa... Hoje, tem gente que trabalha na nossa firma que mora em São Marcos, são trinta quilômetros de Caxias; eles vêm de manhã de ônibus e de tarde vão pra casa! Esses foram os três pontos, pra mim, os três pontos de grande desenvolvimento de Caxias: estrada de ferro, BR 116, Universidade de Caxias. Tem outros fatores, mas eu, pra mim, no meu ponto de vista são esses três fatores.

Susana: O senhor gostaria de falar mais alguma coisa, que a gente não lhe perguntou, que o senhor acha importante? O senhor fica a vontade seu José Mattana e pode colocar.

Esposa: Pode falar sobre a Estação Experimental.

José: Do Gobbato. Não, não falei? Falei que o Gobbato, independente do, que ele, da hidráulica, da escola de engenharia, do Patronato Agrícola, ele, ele instalou a escola, a escola não, a Estação Experimental de Enologia, de Viticultura e Enologia. Este também foi um trabalho feito por ele. Por isso que eu digo, o maior deles, de todos ainda devia, deve ser ainda o Celeste Gobbato, o primeiro prefeito intendente de Caxias.

Susana: Com relação a nossa cidade, seu José Mattana, o que não existe mais, que o tempo se encarregou de destruir, ou desaparecer, deixou de existir e que o senhor sente saudades?

José: Bem, também, a cidade é tão nova, tem cento e vinte anos, né? É verdade que eu estou com oitenta e nove anos, quase noventa anos, mas eu só vi benefícios pelo trabalho que esta gente fez até hoje. Não tenho arrependimento nenhum, ou de alguma coisa que tinha e não tem mais. Não, tudo progrediu, né, tudo progrediu. Agora, eu acho, que têm coisas que devem se fazer imediatamente. Esta da água, por exemplo, isto é uma coisa que deve ser encarada de frente mesmo, isto é primordial, isto da água, isto não tem dúvida nenhuma. Há outros fatores, por exemplo, tem construções em Caxias que merecem tombamento, né? Acho que se vamos entrar agora nesse capítulo de tombamento, tem que haver uma razão especial, tomar pra quê?

Susana: E quais seriam as construções que o senhor acharia...

José: Aí, bom, isso eu não posso falar, porque, porque tem gente, proprietários que ainda habitam nessas... de forma que, infelizmente, eu não posso dar o nome. Agora, se poderia, se tentassem, soubessem, que tentassem o tombamento então poderia colaborar com isso. Posso colaborar porque tenho conhecimento. E obras outras aí que devem ser feitas e não temos em Caxias, né, e que serão bem recebidas, o crematório, por exemplo, o cemitério seria uma... Tenho diversas coisas anotadas para o futuro, futuro contato lá com os vereadores, se é que eles não pensam só no eleitorado deles, né? Bom, Caxias, hoje, com o orçamento que tem, né, não sei quantos milhões que deve ter, uns cem bilhões de reais, ainda por perto, é mas de cem bilhões de reais. Veja que é um orçamento! Agora, sempre tem o mal de todo o Brasil: o funcionalismo, quarenta por cento gasta [inaudível]. É eleitorado, né, é eleitorado. O eleitorado leva esses vereadores...

Transcrição em: 30 de abril, 02 e 03 de maio de 1996.

Por: Sônia Storch Fries.

Revisão em: 26 de dezembro de 2011 e 22 de janeiro de 2025.

Por: Sônia Storchi Fries e Graciela Deon Rodrigues.

Duração: 60 minutos.

Observação: